

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Comunicação
Projeto Experimental em Comunicação – Monografia

A relação entre jornalistas e fontes de informação no programa Hoje nos Esportes

Juliana Campani

Porto Alegre, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO – MONOGRAFIA

A relação entre jornalistas e fontes de informação no programa Hoje nos Esportes

Juliana Campani

Orientadora: Sandra de Deus

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Porto Alegre, junho de 2010

AGRADECIMENTOS

Pai, mãe e Jerusa, meus melhores amigos.

Meu filho Daniel, o amor da minha vida, minha grande fonte de inspiração.

Professora Sandra, minha mãe fabricana e grande conselheira.

Nando Gross, pela paciência e atenção.

Resumo

O exercício do jornalismo depende, em grande parte, da obtenção de informações através das fontes. A complexidade das relações entre profissionais do jornalismo e fontes de informação é objeto de vários estudos. No jornalismo especializado, a relação com as fontes torna-se mais aprofundada, na medida em que uma mesma fonte é acessada diversas vezes. Um dos grandes desafios da atividade jornalística é manter-se isento e respeitar os limites profissionais, buscando sempre priorizar as informações com valor de notícia, e não beneficiar, de forma alguma, a fonte de quem se obtêm estas informações. Esta recomendação torna-se mais necessária quanto mais próxima a relação com a fonte, como é no caso do jornalismo esportivo. Este estudo trata da relação entre jornalistas e suas fontes de informação, com ênfase nos profissionais do jornalismo esportivo. Para esta análise, toma-se como exemplo um noticiário sobre futebol, o programa “Hoje nos Esportes”, da Rádio Gaúcha, com enfoque nos principais clubes do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional).

Sumário

Resumo	4
Sumário	5
1. Introdução.....	6
2. As fontes no jornalismo.....	8
2.1. Conceito de fonte	8
2.2. A relação entre jornalistas e fontes na construção da notícia	9
2.3. Relações de poder entre jornalistas e fontes	11
2.4. Fontes no Jornalismo Especializado.....	14
2.4.1. As fontes no Jornalismo Esportivo	14
3. Jornalismo Esportivo.....	18
3.1. Jornalismo Esportivo no Rádio.....	22
4. Os esportes na Rádio Gaúcha.....	25
4.1. Programa Hoje nos Esportes.....	26
4.2 - Análise da relação entre jornalistas e fontes no programa Hoje nos Esportes	37
5. Considerações Finais	40
Referências bibliográficas	42

1. Introdução

O jornalismo esportivo ainda hoje sofre preconceito dentro e fora da Academia. É ainda considerado por muitos como uma vertente menos importante da atividade jornalística, razão pela qual recebe, muitas vezes, menos dedicação dentro das redações, sejam elas de jornais, revistas, ou mesmo na televisão e no rádio. Não raro, os programas esportivos são apresentados por profissionais de outras áreas, sem especialização ou conhecimentos de jornalismo. A força que as marcas têm no esporte reflete-se também na imprensa esportiva, o que ocasiona, muitas vezes, na perda do valor de notícia das informações, uma vez que são privilegiadas questões mercadológicas e publicitárias em detrimento do fato jornalístico.

Além da clara predominância do futebol sobre os outros esportes, beneficiado no patrocínio e também na divulgação, muitos são os veículos largamente utilizados para lançar e promover atletas, desqualificar dirigentes e técnicos, etc. O preparo dos profissionais desta área também é questionado, na medida em que há jornalistas sem o devido conhecimento sobre esportes, e, em contrapartida, personalidades do mundo esportivo atuando nos veículos informativos sem a devida qualificação.

Muitos atletas queixam-se de determinados jornalistas, alegando que foram prejudicados por entrevistas tendenciosas, informações deturpadas, má interpretação de suas falas, etc. Ainda existe a questão da credibilidade do jornalista esportivo, fortemente questionada quando este estabelece relações de proximidade com suas fontes de informação, podendo utilizar seu trabalho como uma forma de inserir na mídia o que for de interesse de suas fontes, a fim de obter prestígio e promoção pessoal.

Estes são alguns dos fatores que fazem do jornalismo esportivo uma atividade ainda controversa e passível de discussão mais aprofundada por parte dos

profissionais e dos futuros jornalistas, a fim de eliminar o estigma que pesa sobre este ramo da atividade jornalística.

Este estudo pretende apresentar uma breve análise da relação entre os jornalistas e suas fontes de informação, com ênfase nos profissionais do jornalismo esportivo, e trazer um exemplo de noticiário esportivo de rádio, o programa Hoje nos Esportes, como objeto de reflexão acerca da atividade jornalística neste meio. Pretende-se, ainda, contribuir com o debate, colocar luzes em um terreno ainda pouco explorado e dar sequência a estudos em realização ou realizados dentro da própria Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao final, certamente não teremos dados conclusivos, mas abriremos possibilidades para novos estudos.

2. As fontes no jornalismo

O trabalho jornalístico necessita de observação, análise e suporte informativo, adquirido com pesquisa de campo e também no trato com fontes de informação. As fontes podem ser materiais ou humanas; neste caso, os jornalistas lidam com as personagens envolvidas direta ou indiretamente com os fatos apresentados e investigados.

2.1. Conceito de fonte

O americano Herbert Gans (1979) define fonte como “pessoa que o jornalista observa ou entrevista e a quem fornece informações enquanto membro ou representante de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade”. Gans desenvolveu as obras "Deciding What's News" e "Negócio na Relação Fonte–Jornalista" (EUA, 1979), nas quais apresenta os apontamentos de sua análise do comportamento dos jornalistas nas emissoras CBS e NBC, e nas revistas Time e Newsweek. O autor diferencia em seu trabalho as fontes em categorias: as institucionais, oficiosas ou estáveis e as provisórias. Ele ainda faz uma distinção entre fontes passivas e ativas, conforme o nível de utilização e o tipo de relações que se estabelecem entre elas e os profissionais do jornalismo.

Charaudeau (2009) faz uma distinção clara entre fonte de informação e de notícia, considerando que a informação está disponível diretamente ao receptor, enquanto a fonte de notícia tem que contar com a mediação para que a mensagem seja entregue ao receptor.

Para Chaparro (1996, p.148) fontes são “aqueles que têm algo a dizer e informar, os produtores das ações sociais – dos atos e falas noticiáveis”.

Hall et al. (apud Santos, 2002) classificam as fontes em diferentes categorias, de acordo com os grupos a que pertencem:

- 1) Representantes das principais instituições sociais
- 2) Poder institucional (fontes 'autorizadas')
- 3) 'estatuto representativo'; deputados, ministros, outros funcionários de estado e grupos de interesses organizados (sindicatos, patronato);
- 4) "especialistas".

2.2. A relação entre jornalistas e fontes na construção da notícia

O estabelecimento e manutenção de relações entre os jornalistas e suas fontes de informação constitui parte importante na rotina profissional e no processo produtivo da notícia.

Berlo (1960) é um dos primeiros pesquisadores que se dedicam ao estudo das relações entre os jornalistas e as fontes de informação. Segundo o autor, há quatro fatores, ou quatro habilidades, que podem aumentar a fidelidade/eficácia das fontes: a escrita e a palavra, para lidar com fontes codificadas, e a leitura e audição, no caso de fontes decodificadas. Na opinião do autor, o domínio destas quatro habilidades possibilitaria o desenvolvimento da quinta e mais importante habilidade: o raciocínio.

Outros fatores ainda podem ser considerados: as atitudes do profissional no dia-a-dia, o domínio do assunto a ser investigado, bem como conhecimento profundo da área em que a fonte está localizada e/ou atua, e, por fim, sua posição dentro do sistema sócio-cultural, uma vez que o meio em que os agentes estão inseridos influi diretamente na forma como se constrói a informação.

Para Chaparro (1996), as fontes são "a base essencial da ação jornalística". Lage (2008) também atribui às fontes a maior parte das informações jornalísticas. Segundo o autor, "é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas

fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo as técnicas jornalísticas” (2008, p.49).

Molotch e Lester, em *A Fonte como Promotor* (EUA, 1974), identificam três etapas no processo de construção da notícia:

- 1 - Existem promotores da informação interessados na divulgação do acontecimento para o público, utilizando os jornalistas como mediadores;
- 2 - Os jornalistas recebem a informação e publicam-na, transformando o fato em acontecimento público.
- 3 - Os leitores interpretam as informações transmitidas pelos veículos de comunicação, estabelecendo-se um “reconhecimento público” do acontecimento.

Sigal (1979) atribui tamanha importância às fontes que alega que a notícia é tão somente a reprodução do que elas dizem. Ele afirma ainda que “o que é notícia depende das fontes das notícias que, por sua vez, dependem da forma como o jornalista procura as fontes das notícias”, e que “as fontes oficiais controlam a informação sobre o meio envolvente, em especial o mundo e a opinião pública” (apud Santos, 2001 p. 26). Para Santos (2001), o poder está nas mãos do jornalista, que decide quando a informação deve virar notícia ou não.

Traquina (2001) sugere como desafio para o estudo acadêmico do Jornalismo um aprofundamento na compreensão da complexidade da relação entre o jornalista e as fontes de informação. O autor condena a concessão indiscriminada de *status* de anonimato a algumas fontes, que se aproveitam dessa prerrogativa para disseminar as informações de seu interesse sem, no entanto, responsabilizar-se por elas. Traquina considera esta prática “lesiva” ao trabalho jornalístico e sugere reavaliação do uso desta medida. A importância da análise aprofundada dos elementos desta relação e reavaliação das práticas adotadas pelos jornalistas é justificada, na opinião do autor, uma vez que, segundo o paradigma construtivista, “as notícias são um resultado de processos de interação social entre jornalistas, entre os jornalistas e a sociedade, e entre os jornalistas e as fontes de informação” (Traquina, 2001, p. 62).

Na relação entre jornalistas e fontes de informação, estas últimas estão classificadas de forma hierárquica, sendo que detêm mais poder as de maior credibilidade e proximidade, de acordo com Gans (*apud* Sousa, 2000). Traquina (2001) observa que um dos principais motivos da preferência por fontes estáveis, regulares ou institucionais é o fato de o trabalho jornalístico ser amplamente condicionado pelo fator tempo.

A problemática das interações entre jornalistas e fontes de informação começou a ser mais explorada na literatura a partir da década de 70 (Traquina, 2001, p. 57). No estudo da relação entre profissional e fonte de informação, há divergências entre os pesquisadores quanto ao grau de importância desta, e também quanto à capacidade de as fontes pautarem os veículos de comunicação conforme seus interesses.

2.3. Relações de poder entre jornalistas e fontes

Entre os estudos dedicados ao assunto, destaca-se o trabalho de Stuart Hall, que apresentou o conceito de *primary definer*. Estes “definidores primários de tópicos” seriam os chamados “porta-vozes”, detentores de informação credível. Normalmente, detêm posições institucionalmente privilegiadas, e elevado *status* social. A teoria estruturalista encara as fontes oficiais como “um bloco unido e uniforme”; os chamados *primary definers* são vistos como comandantes da ação de construção da notícia (Traquina, 2001, p.93).

Ao recorrer constantemente a estas fontes, e, sobretudo, priorizar e valorizar informações provenientes destes “porta-vozes”, os jornalistas tendem a legitimar e reproduzir, de forma simbólica, as relações de poder instituídas na sociedade. Desta maneira, o jornalismo seria uma forma de assegurar “a reprodução das ideias dos poderosos” (Hall et al, 1999). Nessa medida, os *primary definers*, ou “porta-vozes”, são também chamados de “fontes poderosas”. A influência destes agentes na construção da notícia aproveita-se de um estado de passividade dos meios de

comunicação, segundo Hall et al (apud Santos, 2001), sendo esta uma das principais críticas da teoria estruturalista.

Segundo Gans e Hess, citados por Santos (1995, p. 34), a passividade dos meios de comunicação configura uma vantagem para as instituições que possuem fontes com acesso freqüente aos meios e que disponham de informações noticiáveis. Muitas dessas fontes, inclusive, programam ou pré-agendam os contatos com os meios de comunicação, a fim de distribuir as informações de seu interesse, como no caso das entrevistas coletivas. De acordo com Gans e Hall et al (apud Santos, 1995), essas fontes normalmente estão vinculadas a instituições oficiais e organismos de poder.

No estudo sobre negociação entre jornalistas e fontes elaborado por Santos, são destacados fatores que ilustram claramente as relações de poder existentes entre meios de comunicação e “fontes poderosas”, sendo a negociação entre eles determinada fortemente pelo poder efetivo da fonte, medido por sua capacidade de oferecer informações credíveis e importantes. Nessa medida, os jornalistas utilizam determinadas fontes em detrimento de outras, baseados em critérios de credibilidade, garantia e respeitabilidade da fonte, mas também por razões práticas, como oportunidade e produtividade. Gans trata das forças envolvidas nesta relação fazendo analogia a um “jogo”.

“(…) fontes, jornalistas e público coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo de corda do que a um organismo funcional inter-relacionado. No entanto, os jogos de corda são decididos pela força, e as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade” (GANS, 1979, p.81)

Segundo Gans, neste “jogo”, o objetivo das fontes é transmitir a informação que mais lhes convém, esperando que esta seja propagada conforme o enfoque pretendido; em contrapartida, o trabalho dos jornalistas é articular-se para explorar novos enquadramentos, a fim de tentar obter informações que as fontes escondem ou tentam ocultar. Nesta medida, ganha o jogo quem exercer seu papel com maior habilidade.

Barbeiro, no Manual de Jornalismo Esportivo, retoma a teoria de Gans, ao afirmar que a entrevista constitui num “jogo intelectual no qual o jornalista quer que o entrevistado fale além do que gostaria” (2006, p. 38). Entretanto, segundo o autor, também o entrevistado pode estender-se e falar além do que foi questionado.

A importância das fontes em suas áreas de atuação também é considerada, uma vez que existe uma hierarquização na credibilidade quanto mais atuante e destacada é a personagem em seu grupo ou instituição. Desta forma, o jornalista busca esta garantia de credibilidade, que é simbolicamente repassada ao veículo para o qual trabalha.

Devido à relevância desse tipo de fonte na construção da notícia, Tuchmann (apud Santos, 1995, p. 49) salienta que “as organizações jornalísticas são muito dependentes das fontes legitimadas”. Esta dependência é problematizada por Traquina (2001, p. 110). O autor alega que ao depender demais de suas fontes, o jornalista corre o risco de ficar orientado para elas, de forma a perder a autonomia na relação e passar a atuar em prol da fonte.

Santos destaca que as fontes institucionais, a fim de preservarem sua posição, apenas fornecem informações com aspectos positivos sobre as organizações que representam; as informações possivelmente comprometedoras, ou que revelariam aspectos negativos destas instituições, são mantidas em “território privado” (Santos, 1995, p. 34). Neste sentido, o autor destaca o papel das assessorias de imprensa como instrumentos de seleção e direcionamento das informações que devem ser veiculadas à imprensa, a fim de garantir a preservação do que é considerado privado e promover a ampla divulgação do que favorecerá a imagem da pessoa ou instituição perante a opinião pública.

2.4. Fontes no Jornalismo Especializado

O estudo de Santos ainda aborda a questão do jornalismo especializado, categoria em que se enquadram os profissionais do jornalismo esportivo, objeto de análise deste estudo. Gans (apud Santos, pg. 33) faz uma distinção entre jornalistas especializados e não especializados. Segundo o autor, os profissionais do jornalismo especializado mantêm relações “estritas e continuadas” com as fontes, com o intuito de usufruírem de suas informações mais rapidamente e a qualquer tempo.

O estreitamento dessas relações pode ser considerado uma vantagem para o jornalista especializado, uma vez que o acesso às fontes é facilitado; muitas vezes estas fontes tornam-se espécies de informantes pessoais dos jornalistas com quem estabelecem vínculos. Entretanto, sempre existe o risco de transpor as barreiras da ética e do profissionalismo ao se envolver demais com as fontes, comprometendo a isenção e a credibilidade da notícia.

2.4.1. As fontes no Jornalismo Esportivo

No caso do jornalismo esportivo, a problemática das relações entre profissionais e fontes é intensificada, devido ao “risco” permanente de ultrapassar a barreira do profissionalismo e deixar-se levar pelo meio, confundindo as atribuições e deveres. O meio esportivo é atraente no sentido de proporcionar a rápida promoção pessoal de seus membros. Desta forma, os repórteres esportivos tornam-se personagens conhecidos do cotidiano, e, muitas vezes, ao invés de aproveitar de forma produtiva esta facilidade (em favor da atividade jornalística), acabam por render-se e passam a se portar como celebridades do mundo esportivo.

Barbeiro, em seu *Manual do Jornalismo Esportivo*, enfatiza a necessidade de não ultrapassar os limites éticos e profissionais ao estabelecer tais vínculos. O autor

salienta a importância de manter um bom relacionamento com as fontes, especialmente por ter de recorrer a elas muitas vezes, mas destaca que deve ficar bem claro que este relacionamento não pode e não deve se caracterizar em uma “troca de favores”. O jornalista pode e deve recorrer às suas fontes confirmadas quando suas informações tiverem valor jornalístico e não caráter promocional para aquele que as fornece.

Barbeiro vai mais fundo nesta questão quando trata do papel do jornalista esportivo, sua proximidade com os acontecimentos e também com o público, e reforça novamente os limites éticos e profissionais ao lembrar que o repórter esportivo está a serviço do veículo para o qual trabalha, e nunca dos entrevistados, por mais estreita e habitual que seja a relação com estes. Cabe ao jornalista desta área estabelecer um distanciamento inclusive psicológico em relação ao meio, a fim de não se deixar levar pela emoção ou pela vaidade e ser atraído pelo universo em que está inserido, de forma a confundir-se com as celebridades com as quais convive.

Uma das orientações de Barbeiro é que o jornalista “nunca venda sua credibilidade” (2006, p. 20) e não confunda sua atividade com outras também frequentes nesse meio, ou seja, nunca esqueça de que é um jornalista e não um “empresário, um profissional do marketing ou assessor de imprensa” (p. 21), sendo estas atribuições distintas entre si.

O autor ensina em seu manual que o repórter esportivo “deve desconfiar sempre” (2006, p. 22), mas sem prejudicar as fontes. Ele ainda salienta que as fontes esportivas devem ser tratadas com o mesmo cuidado com que são tratadas fontes de outros assuntos, nem mais nem menos. Devem ser preservadas nas coberturas jornalísticas as distâncias entre profissionais do jornalismo e esportistas, de forma a evitar que a proximidade e possível amizade entre estes acabem por prejudicar a credibilidade da informação divulgada.

Erbolato (1981) salienta que o repórter esportivo deve saber onde e como encontrar, a qualquer momento, suas fontes, a fim de obter informações com urgência, quando as necessitar. As fontes podem ser atletas, técnicos, dirigentes de

clubes e pessoas ligadas diretamente a eles, como amigos e familiares. Entretanto, acredita que existe grande dificuldade em obter boas informações com os atletas, e destaca, para ilustrar esta dificuldade, os jogadores de futebol. Segundo Erbolato, as declarações dos jogadores, “quando chegam a ser dadas, nada dizem e nada informam, limitando-se a palavras rotineiras”.

Se por um lado muitos estudiosos da comunicação entendem a relação entre jornalistas e fontes como jogos de poder em que, na maioria dos casos, a fonte é o lado mais poderoso, no jornalismo esportivo a situação pode se mostrar contrária a este parecer. Heródoto Barbeiro chega a afirmar que até mesmo na edição de uma matéria pode-se afetar sobremaneira o modo como o atleta é visto. Declara que muitos programas esportivos são utilizados para promover este ou aquele jogador, a fim de obter audiência e lucro, em detrimento do jornalismo propriamente dito. Na opinião do autor, através de cuidadosa seleção de imagens, privilégios e maior tempo de entrevista concedido a determinados jogadores “a edição pode até construir ídolos” (p.42).

Em 1976, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma extensa matéria sobre a relação entre a imprensa e os jogadores de futebol, na qual retrata os veículos de comunicação como os grandes responsáveis pela ascensão e queda dos esportistas:

“Na verdade, a relação jogador – imprensa se revela contraditória, e se o jogador percebe essa contradição, não consegue explicá-la. Ele sabe apenas que, ao mesmo tempo em que precisa da imprensa, porque divulga o seu nome e o promove, ela é também o seu maior inimigo, porque pode, em apenas algumas palavras, acabar com sua carreira.” (*O Estado de S. Paulo*, 29/02/1976)

Para Coelho (2004), o relacionamento entre jornalistas esportivos e fontes deve manter-se, preferencialmente, no campo estritamente profissional. O autor declara que, ao estabelecer vínculos de amizade com suas fontes, o profissional põe em risco a credibilidade de seu trabalho sempre que abordar áreas de interesse de suas fontes. Entretanto, segundo o autor, o estreitamento das relações serve como

um meio de obter informações mais sigilosas, e, portanto, mais disputadas, com vantagem sobre os demais jornalistas:

“Amizade não combina com jornalismo. Por outro lado, ajuda muito a conseguir informações de cocheira antes dos demais colegas. Duro é separar as duas coisas. Muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Não é raro ouvi-los elogiar jogadores por conta apenas da amizade.” (COELHO, 2004 p. 74/75)

O autor entende que o desafio de manter o caráter profissional em uma relação tão próxima é um dilema frequente na vida do profissional do jornalismo esportivo, e que este profissional é constantemente tentado a beneficiar esta ou aquela fonte em troca de favores, prestígio, ascensão. Mas acredita que existem regras básicas a serem seguidas a fim de garantir a qualidade do trabalho do jornalista esportivo.

“O melhor a fazer é trabalhar. Manter o contato com a fonte sempre que houver oportunidade. Questionar, perguntar, indagar sobre o que for possível. Tentar sempre conseguir informações em primeira mão. Mas sempre deixando claro que não se trata de troca de favores. Que as vantagens não serão oferecidas no relacionamento profissional. Que nunca uma notícia será paga com um favor que use as páginas do jornal ou os microfones.” (COELHO, 2004, p. 75)

Barbeiro (2006) ressalta também que o repórter esportivo jamais deve demonstrar tietagem quando abordar suas fontes. O bom profissional deve ser isento mesmo quando tiver de entrevistar atletas que admira. Da mesma forma, deve agir com isenção quando publicar informações de autoridades esportivas, procurando fiscalizar suas atividades e veicular somente as informações que tiverem valor jornalístico, jamais com intuito de favorecer ou prejudicar ninguém deliberadamente.

3. Jornalismo Esportivo

O jornalismo esportivo no Brasil levou muito tempo para obter reconhecimento e espaço considerável nos veículos de comunicação. Até a segunda década do século XX, pouca importância era dada à modalidade, razão pela qual não havia cadernos específicos para o assunto nos grandes jornais.

Coelho (2004) faz um breve histórico sobre o jornalismo esportivo no Brasil, em sua obra intitulada *Jornalismo Esportivo*. O autor conta que, até a segunda década do século XX, não havia sequer espaço nos periódicos para tratar de esportes. Lembra ainda que, na época, o esporte mais popular do Brasil era o remo, e dos tradicionais clubes cariocas de regatas surgiram os primeiros times de futebol. A partir da década de 20, alguns jornais passaram a dedicar espaços ínfimos, pequenas colunas ou notas sobre os jogos. Coelho ressalta que esta prática ainda não podia ser considerada jornalismo esportivo propriamente dito.

Na opinião do autor, esta modalidade levou mais tempo para se estabelecer também devido à idéia pré-concebida de que seria um jornalismo menor, menos importante, e voltado às classes de menor poder aquisitivo e cultural, que não possuiriam recursos para comprar material de boa qualidade sobre o assunto. Obstáculos como estes são apontados pelo autor como os responsáveis pelo grande paradoxo; o país do futebol só passa a ter veículos regulares dedicados ao esporte na década de 70, enquanto na Itália e Argentina, por exemplo, já circulavam informativos sobre futebol desde o final da década de 20.

Mario Filho, irmão mais velho do escritor Nelson Rodrigues, foi um dos primeiros a apostar no jornalismo esportivo no país quando assumiu, em 1927, a seção de esportes dos jornais *A Manhã* e, em seguida, *Crítica*, ambos de propriedade do pai, Mário Rodrigues. Nesses veículos, Mario dedicava várias páginas à cobertura dos jogos cariocas, descrevendo partidas com informações importantes, mas diretas, de forma objetiva, bem diferente da abordagem poética que o irmão mais novo adotava em suas crônicas. Mário Filho abraçou termos

estrangeiros utilizados nas notas sobre futebol, inclusive o próprio nome do esporte, que até então era escrito na língua inglesa, *football*.

Em 1931, Mario criou o diário *Mundo Esportivo*, considerado o primeiro jornal do mundo inteiramente dedicado ao esporte. O periódico durou apenas oito meses, e, no mesmo ano, Mario assumiu a editoria de esportes do jornal *O Globo*. Neste período, começou a realizar uma série de melhorias neste segmento até então pouco explorado e valorizado. Aumentou o tamanho e a variedade da seção de esportes do jornal, dando considerável espaço para informações sobre as regatas, o esporte mais popular da época. Passou a remunerar melhor os jornalistas que trabalhavam com futebol, praticamente abolindo o hábito de os repórteres fazerem refeições nos clubes, uma prática bastante comum na época.

No ano de 1936, Mário Filho comprou e reformulou o *Jornal dos Sports*. A partir daí, o periódico passou a ser impresso na cor rosa e começou a contar com as crônicas de Vargas Neto que exaltavam o futebol; o desempenho dos times cariocas passou a ser enfatizado, tanto nas matérias quanto em tiras. O JS passou ainda a divulgar informações sobre remuneração dos atletas, negociações dos passes e contratações. Foi o veículo esportivo impresso de maior importância nacional na divulgação da Copa do Mundo de 1938. No contexto da Segunda Guerra Mundial, os jogadores brasileiros eram comparados aos nossos soldados que, na Europa, auxiliavam os Aliados: "quando atletas brasileiros estão entre os que lutam, na frente europeia, pela liberdade do mundo". O *Jornal dos Sports* é veiculado até hoje, em papel e na versão digital, ainda na cor rosa e priorizando o desempenho dos clubes cariocas nos diversos campeonatos.

Erbolato, em 1981, acreditava na relevância da editoria de esportes "pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico". O que se nota atualmente é o predomínio hegemônico do futebol profissional sobre os demais assuntos. Nos jornais, várias páginas são dedicadas ao esporte e todos os seus desdobramentos, ao passo que as outras atividades desportivas ficam limitadas a poucas matérias e notas, com exceção dos períodos de jogos Pan-americanos e Olímpicos. Também na televisão e no rádio, a grande maioria dos programas esportivos limita-se a emitir notas curtas e tecer pequenos comentários

sobre outros esportes, mas o futebol é o carro-chefe em todas as emissoras, independente do horário ou tipo de público. Barbeiro (2006) critica ainda a abundância de programas esportivos de longa duração que, sem um bom trabalho de pesquisa de pauta ou produção, acabam tornando-se cansativos e sem informações.

Alcoba (1987), um dos principais teóricos do jornalismo esportivo, acredita que esta modalidade é diferenciada das demais por tratar de um assunto de interesse quase geral. No jornalismo esportivo, a compreensão das informações é estendida a um maior número de pessoas. Por este motivo, os veículos de comunicação esportiva são também largamente utilizados pela publicidade, uma vez que o esporte hoje também é instrumento de divulgação de padrões de comportamento, moda e virtudes morais.

A crítica de Alcoba ainda abrange a estrutura da apresentação do jornalismo esportivo; segundo o autor, apesar de contar com mais espaço físico nos meios de comunicação, a informação em si perdeu importância em detrimento do espetáculo e da propaganda. O autor refere-se ao jornalismo esportivo de caráter literário, a exemplo das crônicas esportivas, que retratavam e destacavam o esporte de forma mais aprofundada, com maior amplitude, e condena a importância dada atualmente à publicidade, afirmando que esta, muitas vezes, pauta os assuntos a serem divulgados.

Alcoba ainda defende que os cursos de jornalismo deveriam oferecer 2 anos de disciplinas exclusivamente dedicadas à especialização na área de preferência dos estudantes. O autor acredita que o jornalista esportivo deve estar preocupado com sua preparação e formação, através do estudo, e critica os profissionais desta área que não se preparam adequadamente:

“... A preparação de um jornalista esportivo deveria estar diretamente ligada ao estudo. É essa a minha grande preocupação com essa nova geração que está querendo atuar nessa profissão e não quer estudar...”. (ALCOBA, 1987, p. 48)

Barbeiro aponta em sua obra vários vícios e práticas não recomendadas ao exercício do bom jornalismo. Ressalta a importância de manter a credibilidade profissional, em todas as etapas do processo de construção jornalística, inclusive a escolha e apuração da pauta. O autor destaca o fato de, muitas vezes, a histeria em apresentar os fatos em primeira mão (para garantir o “furo de reportagem”) não permitir a correta apuração da veracidade e confirmação das informações, levando a divulgações errôneas e conseqüente diminuição na credibilidade.

O autor do Manual do Jornalismo Esportivo também faz uma dura crítica à falta de espontaneidade e naturalidade no jornalismo esportivo, alegando que a pauta neste segmento virou “burocracia, refém de horários, processos industriais” (2006, p. 26). Como exemplo deste processo de burocratização, ele cita as entrevistas coletivas. Na opinião do autor, esta constitui uma das piores práticas do jornalismo esportivo, pois serve apenas aos interesses das fontes, uma vez que são por elas organizadas e pautadas. Serviriam, ainda, como estratégia de marketing, uma vez que os atletas, treinadores e dirigentes falam à imprensa em frente a estandes com as marcas dos patrocinadores de seus clubes.

“Na verdade ela só interessa ao entrevistado, quase nunca ao entrevistador. Geralmente o assessor de imprensa escolhe o atleta ou técnico que participará da entrevista, e em alguns casos também conduz à coletiva. As perguntas acabam sendo repetitivas” (BARBEIRO, 2006, p. 38)

A prática hoje comum das entrevistas coletivas após as partidas de futebol é uma solução encontrada pelos clubes para economizar tempo e controlar as informações que são divulgadas, uma vez que os entrevistados são, na maioria das vezes, orientados pelas assessorias de imprensa sobre como devem se portar e de que maneira responder aos questionamentos; chegam a ser, ainda, instruídos a não responder determinadas perguntas, quando a diretoria do clube assim o desejar.

3.1. Jornalismo Esportivo no Rádio

No rádio, a programação esportiva começou a se estabelecer efetivamente no país em 1925, através da rádio Educadora de São Paulo. As primeiras notícias eram basicamente sobre os resultados de jogos, enviados através de telegramas ou telefonemas. Entretanto, foram as transmissões de jogos de futebol que alavancaram o processo de disseminação do esporte e do rádio em geral.

Em julho de 1931, o locutor Nicolau Tuma realizou a primeira transmissão ao vivo de um jogo de futebol diretamente do campo. A partir de seu modelo de narração, foi consolidada uma prática que se tornou indispensável para o sucesso de todas as grandes emissoras de rádio da época. Na falta de patrocinadores, repórteres de campo ou comentaristas, Tuma era obrigado a falar o tempo todo, rapidamente e sem pausas (hábito que lhe garantiu o apelido de “*Speaker metralhadora*”), conferindo à narração velocidade e ritmo característicos, utilizados até os dias de hoje.

Com o início das transmissões de jogos através do rádio, começou no Brasil um gradativo processo de assimilação de ambos (rádio e futebol) por parte da sociedade como elementos que compõem a identidade nacional. Tamanho foi o sucesso das transmissões de jogos que muitos dirigentes de clubes passaram a proibir a entrada das rádios nos estádios, alegando diminuição do público nas partidas.

Mesmo com a proibição, havia repórteres que transmitiam os jogos postados em escadas ao lado dos estádios, assistindo os jogos através de binóculos e até mesmo do alto dos telhados de casas vizinhas. Em São Paulo, o direito à transmissão foi concedido à Rádio Cruzeiro do Sul, que pertencia a uma concessionária de iluminação. Após esta negociação, o presidente da companhia passou a oferecer aos clubes iluminação das partidas em troca da exclusividade na transmissão.

No Rio de Janeiro, a Rádio Nacional passa a transmitir, em 1940, o programa *No mundo da bola*, com apresentação de Antônio Cordeiro. O programa atinge sucesso e repercussão inesperados, com participação massiva do público através de cartas, como num concurso em que o ouvinte deveria dizer qual o jogador de futebol de sua preferência, enviando o nome do craque num envelope de Melhoral. O vencedor foi o jogador Ademir do Vasco da Gama, com 5.304.935 votos. Acontecimentos como este ilustram a força do rádio já naquela época, e da importância do esporte no rádio brasileiro.

Na década de 50, com o surgimento da televisão, vários tipos de programas radiofônicos foram adaptados à nova tecnologia (especialmente as novelas e programas de auditório), deixando mais espaço no rádio para o jornalismo e a programação esportiva. As transmissões de jogos tornavam-se cada vez mais especializadas, e os narradores esportivos já contavam com o apoio de comentaristas, muitos deles ex-jogadores de grandes clubes.

Para Coelho (2004), os anos 70 representaram um enorme avanço para o radiojornalismo esportivo. Segundo o autor, a grande quantidade de emissoras de rádio alavancou um processo de concorrência por audiência e também por patrocínio, tornando o veículo cada vez mais comercial. A fim de garantir as primeiras posições na preferência dos ouvintes, as emissoras passaram a investir mais em equipamentos e repórteres que acompanhavam os times em suas viagens para os campeonatos que disputavam.

Atualmente, são inúmeros os programas esportivos oferecidos por praticamente todas as emissoras de rádio AM, e várias no segmento FM, em diversos horários. O assunto principal é, invariavelmente, o futebol. Os programas contam com vários repórteres e comentaristas que abordam a situação dos times brasileiros nos campeonatos nacionais e internacionais, o desempenho dos técnicos, as negociações e compras de jogadores, etc. Em sua grande maioria, os programas apresentam entrevistas com fontes do mundo esportivo (atletas, técnicos e dirigentes) para trazer a informação mais precisa e direta possível. O dinamismo do rádio exige produção mais rápida, mas confere maior agilidade na divulgação das informações.

Mesmo após o advento de novas tecnologias de informação, a exemplo da Internet, o rádio ainda se apresenta como o meio mais abrangente e acessível, pelo baixo custo e alcance ampliado; estas características, aliadas à tradição histórica, garantem a posição vantajosa do rádio nas transmissões esportivas e apontam para a continuidade deste veículo, contrariando as previsões que declaravam seu fim.

4. Os esportes na Rádio Gaúcha

A primeira partida de futebol transmitida pelo rádio no Rio Grande do Sul ocorreu em 1931, entre Grêmio e Paraná. O narrador da partida foi Ernani Ruschel, locutor da Rádio Sociedade Gaúcha, auxiliado pelo desportista Ary Lund. Considerado o primeiro comentarista esportivo do rádio, Lund dava sua opinião sobre o desempenho dos jogadores, as características técnicas do esporte e comentava o andamento das partidas durante os intervalos. Entretanto, é somente a partir da década de 40 que o esporte passa a ter importância efetiva no rádio. Ferraretto (2000) aponta a Rádio Gaúcha, sob o comando de Arthur Pizzoli, como principal responsável por este avanço no Estado.

Um fator apresentado por Ferraretto como preponderante para impulsionar a transmissão dos esportes na Rádio Gaúcha foi o patrocínio exclusivo da cerveja Brahma para toda a programação esportiva. Segundo o autor, esta negociação proporcionou reconhecimento de ambas as marcas como líderes em seus segmentos. Em 1949, Cândido Norberto, diretor de broadcasting da emissora, transmite a primeira partida internacional da história do rádio no Estado.

Naquela época, entretanto, o esporte ainda não ocupava o primeiro lugar na preferência do público do rádio, perdendo para as novelas, que eram o grande sucesso de audiência e assim foram até o final da década de 50, quando a televisão passou a transmitir esta modalidade.

Atualmente, a Rádio Gaúcha oferece em sua programação mais de dez programas esportivos fixos, além de programas especiais que antecedem e sucedem as transmissões das partidas dos principais times gaúchos de futebol. Este é o esporte que ocupa lugar de destaque, sendo o principal assunto de todos os programas da grade esportiva da emissora, com enfoque na dupla Gre-nal.

4.1. Programa Hoje nos Esportes

O programa Hoje nos esportes, objeto de análise deste trabalho de conclusão, vai ao ar de segunda a sexta, das 18h às 18h50min, e tem apresentação do jornalista Nando Gross. O horário privilegiado e as informações constantemente atualizadas fazem deste um dos programas de maior audiência da emissora.

O programa Hoje nos Esportes é um noticiário sobre o futebol, e faz um balanço do dia nos principais clubes gaúchos (Grêmio e Internacional), bem como o acompanhamento das competições em andamento. A rádio conta com setoristas, repórteres que acompanham Grêmio e Inter nos treinos diários e também nos jogos, e atualizam as informações sobre os clubes. Os setoristas obtêm as informações não somente com as assessorias de imprensa de cada clube, mas conversam pessoalmente com jogadores e equipe técnica, muitas vezes ao vivo, e, quando não é possível, gravam entrevistas para veicular no programa. O Hoje nos Esportes também apresenta diariamente o comentário do ex-jogador Paulo Roberto Falcão, que opina sobre o desempenho das equipes e analisa os esquemas táticos para as partidas.

Nando Gross defende que o jornalista esportivo deve estar em constante aprendizado, e deve entender sobre o esporte, não somente na teoria, mas também na prática. Se vai falar sobre futebol, não precisa necessariamente ser um bom jogador, mas se praticar o esporte, com certeza terá vantagem sobre os profissionais que apenas se informam sobre ele.

Inicialmente, acompanhamos o programa durante CINCO dias. Selecionamos o período entre 24/05 e 28/05, totalizando CINCO programas e três horas de gravação.

Segunda-feira, 24/05

- O programa foi apresentado excepcionalmente pelo radialista Luciano Périco, e resumiu o dia de treinamento da dupla Gre-nal e também da seleção brasileira, em preparação para a Copa do Mundo. O repórter Eduardo Gabardo falou diretamente do estádio Olímpico e comentou o treino da tarde e o desempenho do Grêmio no início do campeonato brasileiro. Em seguida, transmitiu um trecho da entrevista coletiva que acontecia com o goleiro Victor, que fora escolhido para falar naquele dia. O atleta desmentiu os comentários sobre possível abatimento por não ter sido convocado para a seleção brasileira que disputará a Copa do Mundo na África do Sul. Victor negou qualquer relação entre seu desapontamento com a não-convocação e uma suposta queda no seu desempenho. Eduardo Gabardo ainda comentou os desfalques do time para o jogo da quarta-feira contra o Avaí.
- O repórter Leonardo Acosta, no estádio Beira-Rio, falou sobre as possibilidades que o Internacional teria para a partida de quinta-feira contra o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e as chances de recuperação do time antes do recesso do Campeonato Brasileiro em virtude da Copa. O repórter também falou sobre os possíveis locais em que o time passaria a pré-temporada, apontando o Uruguai como um dos mais prováveis, o que indicaria a permanência do técnico Jorge Fossati no comando do Internacional. Acosta informou que nos próximos dias deveriam ocorrer reuniões entre a direção do clube e a equipe técnica para discutir o tema.
- O comentário de Paulo Roberto Falcão concentrou-se no fraco desempenho dos times gaúchos no Campeonato Brasileiro. Logo após, o repórter Sérgio Boaz, que acompanha a seleção brasileira na preparação para a Copa do Mundo, falou sobre o dia de treinamentos em Curitiba e apresentou um trecho de entrevista coletiva com os jogadores Tiago Silva e Juan, que falaram sobre as condições do time para a competição.

- O repórter Sérgio Guimarães trouxe informações sobre os times cariocas, entre as quais a provável saída do atacante Adriano do Flamengo e a preparação do Vasco da Gama para a partida de quinta-feira contra o Internacional. O programa encerrou com a participação de Cléber Grabauska, que informou os resultados dos amistosos internacionais realizados entre as seleções que disputarão a Copa do Mundo.

Nesta edição, as fontes identificadas são os atletas Victor, do Grêmio, Tiago Silva e Juan, escalados para a Seleção Brasileira que vai disputar a Copa do Mundo.

Terça feira, 25/05

- Já com apresentação de Nando Gross, o programa iniciou com a participação de Sérgio Boaz, em Curitiba, onde a seleção brasileira já se preparava para a viagem rumo à África do Sul. O repórter conversou com o médico da seleção, que informou que o jogador Kaká já estaria apto para os treinos. Em seguida, apresentou um trecho da entrevista coletiva feita com o atacante Nilmar, na qual ele reconheceu ter sido convocado para a Copa graças à sua atuação no Internacional. Boaz também conversou com o assessor da CBF, Rodrigo Paiva, com quem obteve a confirmação do amistoso do Brasil contra a Tanzânia.
- Nando Gross conversou com o repórter José Alberto Andrade, que já estava na África do Sul, aguardando a da seleção brasileira, que seria a segunda a chegar ao país, depois da Austrália. O repórter comentou a possibilidade de um amistoso entre Brasil e Zimbábue, e acrescentou que os sul-africanos lamentariam a confirmação da partida, uma vez que não tem uma boa relação com o país.

- Nando Gross comentou a saída do técnico José Mourinho do Internazionale de Milão e elogia esquema tático adotado pelo time.
- O repórter Eduardo Gabardo falou do estádio Olímpico sobre o treinamento que ocorrera à tarde, e sobre o time que enfrentaria o Avaí no dia seguinte. Em seguida, apresenta o trecho de entrevista gravada com o técnico do Grêmio, Silas, que fala a respeito do trabalho que desenvolveu com a equipe para o jogo. Na entrevista, o treinador ainda abordou a questão da amizade que mantém com os jogadores do Avaí, time que treinava antes de vir para o Rio Grande do Sul, e sobre possibilidade de contratação de jogadores do Avaí pelo Grêmio. Eduardo Gabardo informou ainda que Victor deve renovar contrato com o Grêmio, apesar do time português Benfica ter manifestado interesse no goleiro.
- Filipe Gamba, no estádio Beira-Rio, falou sobre o incidente ocorrido no final do jogo entre Internacional e Estudiantes, pela Copa Libertadores da América. O repórter informou que o atacante Walter sofreria punição pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) por ter ofendido os torcedores do Estudiantes. Em trecho de entrevista feita com o jogador, Walter afirmou ter sido chamado de “macaco” pelos torcedores do time argentino. O atacante ainda declarou que teria levado um murro na cabeça quando estava entrando no vestiário após o jogo. A decisão de punir o jogador do Internacional não está oficializada, uma vez que o árbitro não apresentou, até a data do programa, a súmula da partida. A produção do programa informou que entrou em contato com a direção da Conmebol, mas não identificou a fonte. Filipe Gamba falou ainda sobre a escalação e o esquema do time para o jogo contra o Vasco.
- Paulo Roberto Falcão comentou a vitória do Internazionale de Milão sobre o Bayern de Munique na final da Liga dos Campeões da UEFA. O ex-jogador ainda elogiou o sistema defensivo do time italiano, e acrescentou que a falta desta característica é um dos principais problemas do Internacional.

- O repórter Sérgio Guimarães, do Rio de Janeiro, falou sobre a preparação do Vasco da Gama para o jogo contra o Internacional e informou que durante o treino da tarde o gramado do estádio do time carioca fora invadido por torcedores exaltados que teriam ameaçado a integridade física dos jogadores.

As fontes identificadas neste programa são o médico da Seleção Brasileira, José Luiz Runco, o atacante Nilmar e o assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva. Foram entrevistados, ainda, o treinador do Grêmio, Silas, e o atacante do Internacional, Walter.

Quarta-feira, 26/05

- O repórter Rafael Serra acompanhou os jogadores do Grêmio na concentração para a partida contra o Avaí e apresentou trechos de entrevistas com os jogadores Rodrigo, Mailson, Joilson e o técnico, Silas. Rafael Serra conversou também com o diretor de futebol do Grêmio, Luiz Onofre Meira. Questionado sobre o mau momento do time no campeonato brasileiro, o diretor afirmou que o time retomou o foco na competição e deve superar o momento complicado. Sobre a contratação do lateral Uendel, do Avaí, Onofre Meira informou que o Grêmio aguardaria os resultados dos exames médicos para confirmar a compra do jogador. O repórter Felipe Nabinger confirmou a escalação do Avaí e falou sobre a chance de o time terminar a rodada na liderança do Campeonato Brasileiro. No estádio Olímpico, aguardando a chegada da delegação do Grêmio, Filipe Gamba conversou com o técnico do Avaí, Péricles Chamusca, sobre o bom momento do time catarinense.
- No Rio de Janeiro, Leonardo Acosta acompanhou o treino do Internacional e entrevistou o atacante Aleksandro, que enfatizou sua intenção de colocar o time entre os cinco melhores do país. No momento em que o programa ia ao ar, o técnico do Internacional, Jorge Fossati, estava sendo julgado pelo

Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), pela acusação de ter invadido o campo durante a partida contra o Goiás no dia 16/05. Nando Gross comenta as imagens da partida contra o Estudiantes, e diz que, em sua opinião, o atacante Walter não deveria ser punido pelos acontecimentos da final do jogo, uma vez que foi ofendido pela torcida argentina e agredido fisicamente ao sair do campo. Nando afirmou, ainda, que o time argentino deveria sofrer sanções pela má qualidade do estádio, inapto para receber partidas internacionais, e pela agressão verbal aos jogadores colorados. O apresentador do programa comentou a questão com o Eduardo Gabardo, que conversou ao vivo com Fernando Becker, repórter da RBS TV, sobre as imagens.

- Paulo Roberto Falcão dedicou seu comentário do dia aos jogos de Internacional e Grêmio, salientando que ambos não estão em um bom momento no Campeonato Brasileiro e devem buscar a recuperação nas próximas partidas.
- Direto da África do Sul, o repórter José Alberto Andrade aguardava a chegada da seleção brasileira, que já estava a caminho. Andrade comentou também a morte do tenor que havia sido escolhido para cantar na cerimônia de abertura da Copa.
- No encerramento do programa, Cléber Grabauska informou quais seriam jogos da rodada do campeonato brasileiro. Eduardo Gabardo atualizou as informações do Estádio Olímpico, onde a delegação do Grêmio já havia chegado. Nando Gross ainda conversou por telefone com a repórter Viviane Cardoso, que estava em Brasília, onde o presidente Luís Inácio da Silva havia recebido os jogadores da seleção brasileira à tarde, antes de embarcarem para a África do Sul.

No programa de quarta-feira, foram identificados como fontes o zagueiro Rodrigo, o meia Mailson e o lateral-direito Joilson, do Grêmio. Também foram entrevistados o técnico do Grêmio, Silas, e o diretor de futebol do clube, Luiz Onofre

Meira. O programa ainda apresentou entrevista com o atacante do Internacional, Alecsandro.

Quinta-feira, 27/05

- Leonardo Acosta já estava em São Januário, onde às 21h ocorreria o jogo entre Internacional e Vasco da Gama. O repórter apresentou a escalação e confirmou esquema tático 3-5-2. Em seguida, mostrou um trecho da entrevista feita com o jogador Andrezinho, que salientou que o objetivo do time gaúcho é estar entre os quatro primeiros colocados no Campeonato Brasileiro até o recesso para a Copa do Mundo.
- Nando Gross leu o e-mail de um ouvinte que reclamou de uma declaração feita pelo atacante do Internacional Alecsandro e aproveitou para comentar com Leonardo Acosta a eficácia dos sistemas de jogo dos grandes times europeus e dos sistemas táticos adotados por times brasileiros.
- Nando Gross conversou com José Aldo Pinheiro que narraria o jogo entre Internacional e Vasco da Gama. O apresentador do Hoje nos Esportes questionou ao narrador como estava o tratamento à imprensa, alegando que, na época em que o clube carioca era presidido por Eurico Miranda, a relação entre o dirigente e os jornalistas era complicada. José Aldo Pinheiro afirmou que no momento a relação está mais fácil e os repórteres tem mais liberdade inclusive de transitar pelas dependências do Estádio. Também no Rio de Janeiro, o repórter Sérgio Guimarães falou sobre esquema do Vasco para o jogo e as recentes mudanças no time, incluindo os problemas financeiros. Segundo Guimarães, o técnico Celso Roth teria feito um contrato de risco com o time, ainda não assinado.
- Filipe Gamba comentou a vitória do Grêmio sobre o Avaí no dia anterior, e anunciou a apresentação do lateral Uendel no Grêmio. A vitória contra o Avaí

garantiu a titularidade de Maílson e Fábio Rochemback, cujas atuações foram decisivas para o resultado positivo do time. Em trecho de entrevista apresentado no programa, Rochemback comentou a conquista da titularidade e falou a respeito de especulações acerca de seu peso.

- Em seu comentário, Paulo Roberto Falcão abordou a vitória do Grêmio e elogia a atuação do meia Mailson, e acrescentou que a titularidade do jogador seria uma resposta de Silas às reclamações da imprensa esportiva, que já estaria cobrando esta mudança. Falcão também comentou a escolha do esquema tático do Internacional para o jogo contra o Vasco da Gama e falou ainda sobre a expectativa para a Copa do Mundo. Na opinião do ex-jogador e comentarista, para as seleções com tradição no futebol, a Copa inicia efetivamente a partir das oitavas de final.
- José Alberto Andrade e Sérgio Boaz falaram direto da África do Sul, onde a seleção Brasileira já havia desembarcado. Antes de transmitir a entrevista coletiva com o treinador da Seleção, Dunga, os repórteres comentaram e apresentaram a fala do chefe da assessoria de imprensa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Rodrigo Paiva. Na gravação, o assessor questionava os representantes da imprensa brasileira, instalados num anexo ao lado do hotel onde está a Seleção, sobre a necessidade de apontar as câmeras de vídeo para o quarto dos jogadores, alegando que isto comprometeria a privacidade dos atletas. Rodrigo Paiva ainda reiterou que a CBF não teria nenhuma relação com facilitação da produção dessas imagens, mas tentaria conviver pacificamente com esta situação. Na entrevista coletiva com o técnico Dunga, este foi questionado sobre as declarações do treinador da seleção argentina, Diego Maradona, que teria liberado sexo, vinho e sorvete aos seus jogadores. Os repórteres ainda falaram sobre o amistoso entre a África do Sul e a Colômbia, em que o país sede da Copa venceu por dois a zero.

- No encerramento do programa, o repórter Filipe Gamba anunciou que o Grêmio estaria buscando um novo atacante fora do país e Leonardo Acosta confirma a escalação do Internacional para o jogo das 21h.

Foram identificadas neste programa as seguintes fontes: o meia Andrezinho, do Internacional e o volante Fábio Rochemback, do Grêmio. Foram ouvidos, ainda, o assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, e o técnico da Seleção Brasileira, Dunga.

Sexta-feira, 28/05

- O destaque do dia foi a saída do técnico Jorge Fossati do Internacional. No primeiro bloco, Nando Gross comentou o fato com Paulo Roberto Falcão. Na opinião do comentarista, Fossati não conseguiu se acostumar às cobranças e à pressão por resultados. Falcão ainda acrescentou que o treinador poderia ter saído antes. Nando Gross chegou a questionar Falcão sobre a possibilidade de ele treinar o Internacional, mas o ex-jogador alegou que não poderia falar sobre o assunto, uma vez que não foi procurado e esta hipótese nem sequer havia sido considerada. Falcão admitiu, entretanto, que voltar a treinar é um de seus projetos, que pretende concretizar ainda este ano.
- O repórter Filipe Gamba, no Estádio Beira-Rio, informou que Fossati não havia comparecido ao treino marcado para as 18h daquele dia, pois teria recebido uma ligação dizendo que ele não era mais o técnico do time gaúcho. Os jogadores estavam sendo treinados pelo preparador físico do time, Alejandro Valenzuela, que também deveria deixar o Internacional, por fazer parte da equipe de Jorge Fossati. Segundo Filipe Gamba, Fossati teria uma reunião marcada com o vice-presidente de futebol do clube, Fernando Carvalho, que chegaria ao Beira-Rio por volta das 19h. Gamba acrescentou que o clube já está à procura de um novo treinador e que entre os nomes mais cotados pelos próprios jogadores está o do ex-técnico Mário Sérgio, que

conseguiu levar o Inter à zona de classificação para a Copa Libertadores da América no ano passado. O nome favorito era o de Abel Braga, mas o técnico ainda tem um ano de contrato com o clube árabe Al Jazeera, e o valor da multa rescisória seria muito alto. O clube ainda estaria sondando a possibilidade de trazer Cuca, ex-técnico do Fluminense, e um dos preferidos de Fernando Carvalho para ocupar o lugar de Jorge Fossati.

- No Rio de Janeiro, Leonardo Acosta foi acompanhar a delegação do Grêmio, que jogaria no sábado contra o Flamengo, buscando a segunda vitória consecutiva e a primeira fora de casa no Campeonato Brasileiro. O repórter falou sobre o esquema do time para a partida e apresentou um trecho de entrevista realizada com o lateral Joilson, em que o jogador manifestou querer jogar no sábado e aguardaria liberação do fisioterapeuta.
- Filipe Gamba voltou a falar do Estádio Beira-Rio, onde os jogadores estavam em treinamento e recebiam a notícia da saída de Fossati. O repórter comentou que muitos jogadores demonstraram surpresa com o fato. Gamba destacou que haveria especulações sobre o nome de Nelsinho Batista estar entre os cotados para ser o novo técnico do Internacional. Segundo o repórter, o empresário de Nelsinho declarou que Fernando Carvalho comunicava-se frequentemente com o técnico por telefone. Nando Gross e Filipe Gamba conversaram com Eduardo Ceccone, do site Clic RBS, que trouxe informações sobre as manifestações de torcedores colorados que repudiaram, em declarações na Internet, a possibilidade da contratação de Cuca.
- José Alberto Andrade e Sérgio Boaz, na África do Sul, falaram sobre o primeiro dia de treino da Seleção Brasileira. Apresentaram um trecho da entrevista com o goleiro titular da Seleção, Júlio César, que declarou não ter gostado da bola criada especialmente para a Copa do Mundo. Também falou para a imprensa o ex-goleiro da Seleção, Cláudio Taffarel. Ele contou que foi convidado pelo técnico da Seleção Brasileira, Dunga, para ser olheiro, e, ao chegar na África do Sul, foi chamado pelo preparador dos goleiros, Uendel,

para reforçar a equipe de preparação. O goleiro reserva, Doni, comentou sua convocação e alegou que o tempo em que esteve sem jogar durante o ano permitiu que se preparasse fisicamente caso fosse chamado para atuar na Seleção. Sérgio Boaz noticiou o seqüestro de um empresário brasileiro por uma quadrilha de nigerianos, e comentou que os sul-africanos estariam receosos de que o incidente pudesse comprometer a imagem do país às vésperas da Copa do Mundo.

- Filipe Gamba conversou com o zagueiro Fabiano Eller, que informou que a comissão técnica de Fossati se despedira dos jogadores após o treinamento; o técnico, entretanto, se despediria do time no dia seguinte.
- Nando Gross lançou, nos últimos minutos de programa, uma enquete para os ouvintes sobre o nome preferido para ser o novo técnico do Internacional, e sugeriu como opções Cuca, Mário Sérgio e Paulo Roberto Falcão. Ao final do programa, foram computadas 2.457 ligações, e o resultado foi de 10,1% para Cuca, 21,1% para Mário Sérgio e 68,7% para Falcão.

Neste programa podem ser identificadas as seguintes fontes: o lateral-direito Joilson, do Grêmio, o empresário do técnico Nelsinho Batista (cujo nome não foi divulgado), os goleiros da Seleção Brasileira, Julio César e Doni, o ex-goleiro e atual olheiro da Seleção, Claudio Taffarel, e o zagueiro do Internacional, Fabiano Eller. O repórter que noticiou a demissão de Jorge Fossati não conversou com o técnico, e não informou se houve alguma tentativa de contato com ele. Segundo a produção do programa, Jorge Fossati só falou com a imprensa uma semana após sua saída do Internacional.

4.2 - Análise da relação entre jornalistas e fontes no programa Hoje nos Esportes

Percebe-se que nem todas as informações possuem uma fonte oficial. O repórter que noticiou a saída do técnico Jorge Fossati do Internacional, por exemplo, não identifica a fonte de quem obteve a informação. Quando se referiu à surpresa dos jogadores colorados ao saberem da demissão de Jorge Fossati, não diz exatamente qual a fonte. Fica subentendido que a informação foi obtida através da observação do próprio repórter.

Foi observado que os repórteres obtêm as informações de atletas, dirigentes, das assessorias de imprensa, e também contam com fontes confidenciais. Pela proximidade com as fontes, muitas vezes tem acesso a informações ainda não confirmadas oficialmente, (neste caso, são divulgadas em caráter de “especulação”) e que podem vir a se concretizar ou não. Para Manuel Pinto (2000), a utilização de fontes anônimas, bem como o recurso a rumores e boatos, são alguns dos problemas encontrados hoje na atividade jornalística.

Frequentemente, estas especulações são utilizadas a fim de garantir o chamado “furo de reportagem”, a notícia em primeira mão. Assim, os repórteres arriscam sua credibilidade divulgando informações ainda não confirmadas com o intuito de atrair a atenção para si caso elas venham a se concretizar. Para Coelho (2004), do ponto de vista jornalístico, pouco interessa quem dá antes a informação; o importante é “saber quem deu a notícia com mais detalhes, com maior riqueza” (pg. 76).

O foco do programa Hoje nos Esportes é, conforme foi dito anteriormente, a dupla Gre-nal. Pode-se perceber que, nas edições do programa utilizadas como objeto de análise deste estudo, foram ouvidas mais fontes ligadas ao Grêmio do que ao Internacional. Em cada dia da semana em questão, o programa contou com a participação de, pelo menos, uma fonte ligada ao Grêmio. Na quarta-feira, 26, o repórter Rafael Serra conversou com três jogadores, o técnico e o diretor de futebol

do clube na saída da concentração. Ao todo, foram nove indicações de fonte do Grêmio (sete diferentes e duas repetidas) durante a semana, sendo que todas elas através de sonora, ou seja, na voz da própria fonte. Do lado do Internacional, foram apenas três falas de jogadores e uma citação (o repórter disse algo que o jogador teria falado). O que se percebe, também, é que, mesmo num momento importante para o Internacional (a saída do técnico Jorge Fossati e a procura por um novo treinador), não foram ouvidos dirigentes nem equipe técnica do clube. Temas relevantes para o clube, como as opções de nomes para ocupar o cargo deixado por Jorge Fossati, não tiveram participação de fontes identificadas na divulgação, ficando somente no campo extra-oficial.

Durante a semana utilizada como referência para este estudo, repórteres esportivos da Rádio Gaúcha acompanharam a chegada do Brasil à África do Sul para a Copa do Mundo. Na quinta-feira, 27, o programa mostrou um trecho da declaração do assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, questionando a relevância jornalística de manter câmeras apontadas para o andar dos dormitórios dos jogadores da Seleção Brasileira. O assessor criticou a atitude e alegou que esta interferia na privacidade dos atletas.

Para Pinto (2000), a especialização e organização das fontes (através das assessorias de imprensa) tem por objetivo consolidar uma estratégia de penetração na mídia e também de regulação do acesso desta no âmbito institucional:

“O interesse privado de uma grande parte das fontes organizadas e profissionalizadas leva-as a construir uma ação estratégica e tática assente em dois grandes eixos: por um lado, a conquista do acesso aos media, e não apenas da cobertura dos media; por outro lado, o esforço de gerir com o máximo cuidado as tentativas dos jornalistas de aceder às áreas de bastidores das instituições a que estão ligados”.
(PINTO, 2000, p. 284)

Pinto acredita que a profissionalização das fontes visa atender às aspirações dos mecanismos e instituições que representam. Esta atuação, na opinião do autor, pode, por vezes, ir no sentido contrário à necessidade jornalística de obter as informações importantes para a construção das notícias.

A problemática da relação entre a imprensa e as fontes no futebol foi abordada pelo apresentador do programa Hoje nos Esportes. No dia 27, Nando Gross conversou com o narrador esportivo José Aldo Pinheiro, e questionou o colega sobre o tratamento dado à imprensa no estádio São Januário, do clube Vasco da Gama. Gross comentou que a relação entre o clube e a imprensa era difícil na época em que Eurico Miranda era o presidente do Vasco. Pinheiro afirmou que a situação havia melhorado na atual administração, que não havia mais “bloqueios” e que transitou livremente pelo estádio. A situação acima mencionada pode dar indícios do motivo para a discrepância no número de fontes acessadas nos dois clubes gaúchos observada neste estudo.

5. Considerações Finais

Conforme a análise do programa Hoje nos Esportes, verificou-se que mais fontes do Grêmio foram ouvidas durante a semana do que do Internacional. O que também chama atenção é o fato de não ter sido ouvida nenhuma fonte identificada sobre a demissão do técnico Jorge Fossati. Considerando-se os momentos vividos pelos dois clubes, pode-se avaliar que o Inter encontrava-se em uma fase importante, por estar disputando uma competição internacional (a Copa Libertadores da América) e, neste sentido, a mudança da equipe técnica tem grande relevância no contexto. Levando-se em consideração, ainda, que os dois times são os de maior expressão no Rio Grande do Sul, causa estranheza que um fato dessa dimensão tenha sido noticiado sem o apoio de, pelo menos, uma fonte ligada ao clube e que pudesse comentar a decisão (o próprio técnico ou um dirigente). Durante toda a edição de sexta-feira, o setorista que noticiou a demissão de Jorge Fossati passou informações sem identificar a fonte de quem as obteve. Ao não divulgar sua fonte, o repórter incorre na prática anteriormente mencionada e criticada por Traquina (2001).

Não é possível afirmar que houve deliberado favorecimento ao Grêmio, por conta da apresentação de mais entrevistas na semana em questão. Esta observação permite, entretanto, levantar questionamentos acerca da abordagem utilizada para cada clube, ou das imposições e obstáculos que os clubes podem criar ao acesso da imprensa.

Desta forma, existem duas alternativas que podem explicar o que ocorreu na semana observada para este estudo. Na primeira, os repórteres poderiam utilizar técnicas de abordagem diferentes, de forma que um setorista seria mais pró-ativo, no sentido de insistir com as fontes para enriquecer suas matérias, ao passo que o outro recorreria preferencialmente a sua fonte anônima, visando passar informações mais rapidamente e garantir furos de reportagem, prática reprovada por Coelho (2006, p. 21).

Outra possibilidade seria uma maior facilidade em acessar as fontes ligadas ao Grêmio por uma flexibilidade maior da direção do clube; na outra extremidade, pode-se encontrar mais dificuldade em conversar com atletas e equipe técnica do Internacional por determinação da diretoria do clube, com intenção de manter o máximo de controle sobre o fluxo de informações que é veiculado. Esta prática não é incomum; conforme citado pelo apresentador do programa Hoje nos Esportes, os repórteres, por vezes, encontram mais dificuldades no acesso a informações dentro dos clubes, dependendo da política de cada dirigente. Alguns preferem não divulgar informações antecipadamente, a fim de proteger suas estratégias e negociações.

De qualquer forma, cabe ao repórter saber como driblar estas adversidades e buscar insistir com as fontes, procurando sempre novas formas de abordagem e máximo aproveitamento das oportunidades que surgirem. Apesar de não ter chegado a uma conclusão exata, espera-se que a realização deste estudo sirva para auxiliar a fomentar o debate acerca do papel do jornalista esportivo e do cuidado que este deve ter no trato com suas fontes de informação.

Referências bibliográficas

ALCOBA, A. L. *Deporte y Comunicación: Dirección General de Deporte de la comunidad Autónoma de Madrid*, 1987.

BARBEIRO, Heródoto; Rangel, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo, Contexto, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Iniciação a uma teoria das fontes: tipificação das fontes*. O xis da questão (blog). Disponível em: <oxisdaquestao.com.br/integra_integra.asp?codigo=377>. Acesso em: 19 mai. 2010.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2004.

ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*. Atlas, São Paulo, 1981.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas, Ulbra, 2002.

GANS, Herbert J. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Evanston: Northwestern University Press, 1979.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. *News as purposive behavior: on the strategic use of routine events, accidents, and scandals*. *American Sociological Review*, v. 39, n. 1, p.101-112, fev. 1974.

PINTO, Manuel; Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. In: *Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2)*, 2000, p.277-294

SANTOS, Rogério. *A negociação entre jornalistas e fontes*. Coimbra, Minerva, 1997.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do Jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Unisinos, 2001.

Jornal *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 de fevereiro, 1976. Caderno de Esportes.